

DO UNIVERSO DA PRECISÃO À SERENIDADE DO DESVELAMENTO: HEIDEGGER E A QUESTÃO DA TÉCNICA

Pedro Lucas Dulci *
Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO:

O artigo tem como objetivo apresentar os problemas teóricos e históricos ligados à compreensão da técnica moderna na filosofia de Martin Heidegger. Para tal investigação começaremos investigando sobre qual é a constituição da essência da técnica para que, então, possamos explorar o significado da técnica à luz de sua caracterização mais essencial. Isto nos dará condições de identificar quais são os riscos envolvidos na era em que a dominação técnica atingiu níveis nunca vistos antes. Tudo isto será questionado para que possamos estabelecer, inspirados pelo pensamento de Heidegger, um modo de relacionamento livre com a técnica que nos permita uma redenção à regência da técnica como o modo de desencobrimento moderno

PALAVRAS-CHAVE: Técnica; Modernidade; Verdade; Serenidade.

OF UNIVERSE OF ACCURACY TO SERENITY OF THE UNVEILING: HEIDEGGER AND THE QUESTION OF TECHNIQUE

ABSTRACT:

The article is intended to present the theoretical and historical issues related to the understanding of modern technique in the philosophy of Martin Heidegger. For this research, we will start asking about what is the constitution of the essence of the technique so that then we can explore the meaning of the technique in light of its most essential characteristics. This will enable us to identify the risks involved in the era in which technique dominance reached levels never seen before. All this will be asked so that we can establish, inspired by Heidegger's thinking, a way of free

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiás – Brasil.
Email: pedrolucas.dulci@gmail.com

relationship with the technique that allows us a redemption to the regency of the technique as the modern way of uncovering.

KEYWORDS: Technique; Modernity; Truth; Serenity.

Introdução

No mês de março de 2014 completam-se três anos desde o último terremoto de grande escala que atingiu o Japão. Em 11 de março de 2011 a cidade de Fukushima foi danificada por um terremoto de magnitude 9,0 na escala Richter, seguido por um tsunami, que atingiu a costa noroeste do Japão deixando, por onde passou, um desolador cenário com os feitos do desastre natural. Após estes abalos sísmicos e marítimos, a usina nuclear de Fukushima, Daiichi, sofreu uma série de explosões devido a danificações sofridas pelo terremoto. As explosões foram sentidas a 40 quilômetros da usina e fez com que uma imensa coluna de fumaça tomasse o local. Estávamos frente a um novo acidente nuclear envolvendo mais uma vez a nação japonesa.

Historicamente, o povo japonês tem investido pesadamente todos os seus ricos recursos - sobretudo depois do terremoto de Kobe, em 1995 - no aperfeiçoamento dos sistemas de detecção, prevenção e socorro para reduzir os danos de terremotos e maremotos. Por todo este investimento, o Japão é considerado o país mais bem preparado do mundo para enfrentar catástrofes naturais. A população sabe como agir nos casos graves graças à cultura de treinamento e preparo que recebeu. Sistemas públicos de alerta são freqüentemente testados e respeitados pela população. Os grandes edifícios são construídos de acordo com técnicas que lhes permitem absorver os choques causados por fortes terremotos, etc. Contudo, ainda assim, o tsunami do início do ano arrastou, como brinquedos, automóveis, caminhões, contêineres, navios, casas e destruiu cidades inteiras. Assolou uma enorme usina nuclear e foi responsável por um novo acidente radioativo na história do povo japonês. Foram milhares as pessoas que acabaram sepultadas sob a lama e os escombros produzidos pelo tsunami, além das que morreram prejudicadas pela radiação emitida pelas turbinas da usina de Fukushima. Centenas de milhares de pessoas perderam suas casas e ainda estão abrigadas precariamente em escolas e outros edifícios públicos. Somente na semana passa o primeiro grupo de moradores retirados cidade teve autorização para voltar às suas casas (cf. BBC, 2014, s/p.).

Os sérios danos sofridos pela maior usina nuclear do país, a de Fukushima, acrescentaram aos problemas já enfrentados pelo Japão o risco de uma tragédia nuclear comparável à ocorrida em Chernobyl, na Ucrânia (então parte da União Soviética), há 25 anos. Também neste caso, as consequências já teriam sido muito piores do que as registradas até agora se técnicas na época consideradas adequadas de prevenção de desastres não

tivessem sido empregadas nessa usina, inaugurada no fim da década de 1960. O governo japonês vem procurando proteger as populações mais sujeitas a riscos de contaminação e tranquilizar os demais cidadãos a respeito de uma catástrofe nuclear.

Quaisquer que sejam seus resultados, o acidente de Fukushima provoca dúvidas sobre o nível de segurança das usinas nucleares e deve estimular o debate internacional sobre a necessidade de tornar mais confiáveis essas centrais, que respondem por 30% da energia elétrica consumida no Japão - em alguns países da Europa têm papel ainda mais destacado. Frente a essas notícias, o chefe da Agência Internacional de Energia Atômica da ONU (AIEA), Yukiya Amano, afirmou, no último dia 20 de junho, que a confiança do público na energia nuclear ficou muito abalada depois do acidente nuclear na usina de Fukushima, no Japão. Contudo ainda pondera: “a confiança do público na segurança da energia nuclear foi muito abalada. No entanto, a energia nuclear vai continuar importante para muitos países, então é urgente que medidas de segurança mais rigorosas sejam implementadas” (PAULO, 2014, s/p.). Em outras palavras, ainda que o acidente nuclear japonês tenha colocado sérias dúvidas sobre os dispositivos técnicos empregados na segurança e manuseio da energia nuclear, os investimentos em medidas de segurança serão a título de continuar investindo em mais técnicas e disposições para a segurança da população mundial. Será uma tentativa técnica frente ao fracasso das tecnologias em antecipar e prever os movimentos naturais.

Diante do presente quadro de notícias sobre os recentes eventos na nação japonesa, gostaríamos de introduzir os questionamentos que orientarão toda a investigação contida no presente trabalho, a saber: a técnica moderna. Esta, como uma produção e uso de ferramentas, aparelhos, máquinas e dispositivos para atender as necessidades dos homens, se apresenta como um conjunto de atividades que já está mais do que consolidado no imaginário humano moderno. É impensável para qualquer habitante da “aldeia global” viver sem o que a técnica, em suas mais variadas instâncias de atividade, pode proporcionar. Porém episódios como o de Fukushima – e porque não nos lembrarmos de Chernobyl, Hiroshima e tantos outros – nos espantam quando as pretensões de dominação e desenvolvimento pretendidas pela técnica nos escapam às mãos e fogem ao nosso controle. Como disse o filósofo alemão Martin Heidegger: “pretende-se, como costuma-se dizer, ‘manusear com espírito a técnica’. Pretende-se dominar a técnica.” (2001, p. 12). Contudo, mesmo com essa pretensão, tão marcadamente moderna, urge a nós questionarmos a técnica como este modo moderno de descobrir, controlar e dispor daquilo que nos circunda, principalmente quando “a técnica ameaça escapar ao controle do homem” (2001, p. 12).

Sendo assim, o presente trabalho aventa a hipótese de investigar sobre a essência da técnica à luz do pensamento do filósofo Martin

Heidegger – em especial com sua obra *A questão da técnica* – visando ponderar os riscos que a modernidade corre quando tem a técnica como *o modo* de proceder no mundo e, se possível, elaborar algum meio de salvação para as ameaças que podemos estar correndo. Nas palavras do próprio Heidegger: “questionaremos a técnica e pretendemos com isto preparar um relacionamento livre com a técnica. Livre é o relacionamento capaz de abrir nossa Pre-sença à essência da técnica.” E depois completa: “se lhe respondermos à essência, poderemos fazer a experiência dos limites de tudo que é técnico” (2001, p. 11). Sendo assim, nossa intenção também é buscar um relacionamento livre com a técnica através da elaboração de um caminho do pensamento a partir das considerações heideggerianas. Para tal investigação propomos proceder da seguinte maneira: (1) começaremos investigando sobre qual é a constituição da essência da técnica para que então (2) possamos explorar o significado da técnica à luz de sua caracterização mais essencial que nos dá condições de (3) identificar quais são os riscos envolvidos na era em que a dominação técnica atingiu níveis nunca vistos antes. Tudo isto será questionado para que (4) possamos estabelecer, inspirados pelo pensamento de Heidegger, um modo de relacionamento livre com a técnica que nos permita uma redenção à regência da técnica como o modo de desencobrimento moderno. Cada um dos pontos anteriormente destacados será trabalhado em um tópico do presente trabalho, sendo que a ponderação a respeito do relacionamento livre com a técnica ficará a cargo das considerações finais.

Em busca da essência da técnica: para além do técnico

Heidegger começa seu texto *A questão da técnica* deixando claro para que veio: questionar a técnica afim de construir um caminho do pensamento. É importante reparar que o filósofo coloca o objetivo de sua conferência no fato de buscar a essência da técnica questionando-a. Dessa forma, na conferência a técnica será tratada como questão – conforme o título do texto. Isto elimina qualquer necessidade de definição ou investigação do que é técnico. Não será a técnica o objeto de investigação, mas sim a questão que ela suscita. Tudo isto será feito tendo no horizonte questionador “abrir nossa Pre-sença [*Dasein*] à essência da técnica” (2001, p. 11). Essência essa que não têm nada de técnico e que só pode ser alcançada quando se afasta algumas concepções recorrentes e errôneas que se consolidaram no imaginário moderno a respeito da técnica. O projeto heideggeriano de questionamento da técnica, visa ultrapassar o viés exclusivamente pragmático e instrumental segundo o qual a técnica tem sido normalmente considerada. Dessa forma, tomá-la como um meio para um fim será uma das primeiras concepções a ser descartada. É claro que não podemos desconsiderar o fato de que pertence à atividade constituinte da técnica a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, visando

saciar as necessidades a que eles servem. Podemos concordar que: “o conjunto de tudo isto é a técnica” (HEIDEGGER, 2001, p. 12). Contudo, não podemos estar desatentos ao fato de que é justamente essa noção, extremamente instrumental, que tem afastado o homem do verdadeiro questionamento da técnica e impossibilitado a construção de um relacionamento livre com a mesma na medida em que, não se percebe que não é possível dominar com o espírito a técnica. Quando se pensa assim, já estamos fora de combate e a técnica “ameaça escapar ao controle do homem” (2001, p. 12).

Feitas essas ponderações, asseguramo-nos de não confundir a técnica com a essência da técnica. Precisamos ir mais longe em relação a nosso questionamento caso queiramos mostrar a essência da técnica. Quando buscamos a essência das geladeiras, por exemplo, buscamos aquilo que rege toda e qualquer geladeira no mercado e não uma geladeira que se pode encontrar entre outras geladeiras. Assim também a essência da técnica não pode, e na verdade, não é nada de técnico. A essência da técnica não está na bateadeira, na máquina de lavar ou no micro-ondas. Nunca chegaremos à essência da técnica nos relacionando com apenas aquilo que é técnico. Para chegarmos à essência precisamos, como diz Heidegger: “procurar o verdadeiro por dentro do correto” (2001, p. 13). E tendo em vista, que o correto é ver a técnica como meio, porque não nos perguntarmos sobre o que reina dentro desta noção extremamente instrumental da técnica? Não seria a causalidade o princípio mais abundante que mais podemos encontrar na instrumentalidade? A resposta é positiva. E não teríamos pensador melhor do que Aristóteles para herdarmos o melhor sentido que a teoria causal pode oferecer. É nele que Heidegger busca uma compreensão particular, a partir do significado propriamente grego do termo *causa*, para que então possamos superar uma visão estritamente limitada de causalidade dentro da instrumentalidade técnica que não se restringisse a uma “idéia de que se trata apenas de fazer algo, a partir de alguma coisa, para certo fim” (SILVA, 2007, p. 369). Com isso, Heidegger avança mostrando que a relação meramente instrumental e operatória que circunda o imaginário técnico precisa ser melhor compreendida como uma relação de responsabilidade e comprometimento. Comprometimento este com o produzir e fazer aparecer de alguma coisa. Nas palavras de Heidegger:

Temos, hoje em dia, a tendência de entender a responsabilidade ou em sentido moral, como culpa, ou, então, como uma espécie de ação. Em ambos os casos, obstruímos o caminho para o sentido originário do que se chamou posteriormente de causalidade. [...] Dar-se e propor-se designam a vigência de algo que está em vigor. É que os quatro modos de responder e dever levam alguma coisa a aparecer. Deixam que algo venha a vigor. Estes modos soltam algo numa vigência e assim deixam vigor, a saber, em seu pleno advento (HEIDEGGER, 2001, p. 15).

Dessa forma, a intenção de Heidegger está em mostrar o caráter de comprometimento que a teoria das quatro causas assume quando é considerada a responsabilidade de se produzir algo. Como bem ponderou o professor Franklin Leopoldo e Silva: “quando digo que a causa material corresponde à matéria de que algo é feito, o que se quer dizer na verdade é que há uma espécie de compromisso entre uma certa matéria e a produção do objeto” (2007, p. 369). Sendo assim, “os modos de deixar-viger, as quatro causas, jogam no âmbito da produção e do produzir” (HEIDEGGER, 2001, p. 16) mudando assim, consideravelmente o ângulo da reflexão sobre a essência da técnica. Isso porque, quando falamos em produção estamos conduzindo nosso pensamento para algo fundamental, se quisermos considerar a essência da técnica de modo significativo, a saber: o encobrimento e o desencobrimento. Isto acontece, segundo Martin Heidegger, por que: “só se dá no sentido próprio de uma produção, enquanto e na medida em que alguma coisa encoberta chega ao desencobrir-se. Este chegar repousa e oscila no processo que chamamos de desencobrimento”, e depois completa: “para tal, os gregos possuíam a palavra *alétheia*” (2001, p. 16). Ou seja, uma produção legítima é aquela que conduz algo da condição de encoberto para a condição de desencoberto. A produção é um processo de desencobrimento. Dessa forma, “a técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento” (2001, p. 17). Tendo isto em mente, nos aproximamos cada vez mais da essência da técnica.

Vale ressaltar, contudo, antes de terminar este primeiro ponto, que o que foi até aqui considerado, em matéria de causas, diz respeito ao que acontece naturalmente na produção de algo. E Platão nos dá um nome para esse processo que se dá de quatro modos: “todo deixar-viger o que passa e procede do não-vigente para a vigência é *poíesis*, é produção” (*Banquete*, 205b). Tudo agora então depende de pensarmos a produção e o produzir em um sentido mais amplo, se quisermos mesmo chegar à essência da técnica que também se mostrou como um modo de desencobrimento. Contudo, a técnica moderna opera de uma maneira particularmente diferente da *poíesis* grega, a saber: quando algo é tecnicamente produzido, algo vem à tona por meios técnicos e, por isso, fundamentalmente diferente daquilo que nos aparece naturalmente. Isto influencia consideravelmente nosso questionamento acerca da essência da técnica. Vejamos por que.

Técnica como um [particular] modo de desencobrimento: produção e exploração

Começamos questionando a técnica, em seu âmbito mais moderno de ser, e chegamos ao conceito grego de *alétheia*. Pode parecer estranho ao leitor este caminho, mas a argumentação heideggeriana nos conduz

exatamente por este caminho de pensamento. Isto acontece por que é no desencobrimento que se funda toda forma de pro-dução, inclusive a técnica. Dessa forma, “se questionarmos, pois, passo a passo, o que é propriamente a técnica conceituada, como meio, chegaremos ao desencobrimento” (HEIDEGGER, 2001, p. 17). Sendo assim, a técnica não pode ser encarada mais como um mero meio para algum outro fim, mas antes como uma forma de desencobrimento. Na verdade, *a forma* de desencobrimento da modernidade. E todo âmbito do desencobrimento e encobrimento envolve a verdade. É esta que esconde-se e aparece vez por outra na tenção constituinte de sua essência. Conforme o próprio Heidegger considera em *A Essência da Verdade*: “o desvelamento do ente enquanto tal é, ao mesmo tempo e em si mesmo, a dissimulação do ente em sua totalidade.” (1979, p. 341), isto é, é neste vai-e-vem de mistério e de desencobrimento que se afirma a essência da verdade, pois “a plena essência da verdade, incluindo sua própria antiessência, matem o ser-aí na indigência, pela constante oscilação do vaivém entre o mistério e a ameaça do desgarramento” (*Idem*, p. 341).

Neste momento, vale ressaltar que, a técnica, ainda que reine absoluta em nossos dias, não foi, desde sempre, o único modo de desencobrimento a disposição do homem. Na verdade a noção de “técnica” remete aos memoráveis anos de ouro da Grécia clássica em que a *téchne* não era apenas uma habilidade artesanal de fazer algo, mas também uma pertencente ao modo de pro-dução geral. Enquanto a *poíesis* concernia ao que é natural, como por exemplo, o crescer de uma árvore ou desaguar de um rio no mar, a *téchne* é uma pro-dução que necessita da aplicação de uma técnica em especial, como, por exemplo, a do sapateiro que fabrica o calçado. Nas palavras de Heidegger: “a *téchne* é uma forma de *alétheia*. Ela des-encobre o que não se produz a si mesmo” (2001, p. 17). Além de tudo isso, existe também o termo para designar o conhecimento destas produções acima enumeradas, a qual seja, a *episteme*. Estes eram os três modos de desencobrimento – modos de *alétheia* – que o mundo grego conhecia. O que nos importa aqui é percebermos já neste momento remoto da história da humanidade, a presença de uma proto-noção de técnica, ainda que consideravelmente diferente da técnica moderna, que se relaciona diretamente com a noção da verdade. Justamente por isso, o caminho elaborada por Heidegger ao questionar a técnica e chegar à *alétheia*, não é algo totalmente infundado. Antes busca seus fundamentos em uma instância mais originária do pensamento filosófico. É neste ponto, que a reflexão heideggeriana se mostra de extrema valia para pensarmos a questão da técnica moderna, na medida em que nos livramos de uma concepção meramente instrumental e alcançamos uma perspectiva que revela a estreita relação que existe entre a técnica e o desencobrimento, a pro-dução e a verdade. Em outras palavras: “técnica é uma forma de desencobrimento. A

técnica vige e vigora no âmbito onde se dá descobrimento e desencobramento, onde acontece *alétheia*, verdade” (2001, p. 18).

Nesta altura de nossa investigação sobre a questão da técnica, alguém poderia acertadamente considerar que, ainda que a origem da noção de técnica moderna tenha suas raízes na Grécia antiga, a compreensão da real dimensão da técnica moderna pode ficar comprometida se reduzirmo-la a mesma matriz grega de pro-dução técnica artesanal. Neste questionamento temos uma ponderação bastante oportuna sobre a técnica que nos impele a necessidade de apresentar a “diferença específica”, para falarmos com Aristóteles, da técnica moderna em relação com a *téchne* grega. Neste aspecto não podemos ser mais preciso do que Heidegger quando ele diz:

O que é a técnica moderna? Também ela é um desencobramento. Somente quando se percebe este traço fundamental é que se mostra a novidade e o novo da técnica moderna. O desencobramento dominante na técnica moderna não se desenvolve, porém, numa pro-dução no sentido de poíesis. O desencobramento, que rege a técnica moderna, é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada. Isto também não vale relativamente ao antigo moinho de vento? Não! Suas alas giram, sem dúvida, ao vento e são diretamente confiadas a seu sopro. Mas o moinho de vento não extrai energia das correntes de ar para armazená-las. (HEIDEGGER, 2001, p. 19).

Neste categórico parágrafos, Heidegger, de maneira bastante aristotélica, estabelece o gênero próximo da técnica moderna – também ser um desencobramento, assim como a *téchne* grega – e mostra-nos sua diferença específica: a técnica moderna é um desencobramento que explora e que impõe a natureza seus próprios objetivos de utilização e consumo daquilo que foi dis-posto da natureza. Existe um elemento a mais que torna específica a técnica moderna que conhecemos. Esta hipótese é ilustrada por Heidegger no parágrafo anterior com o exemplo do moinho de vento. Para o filósofo alemão, este é um modo de desencobramento que não pode ser considerado pertencente ao imaginário técnico moderno, pois sua forma de atuação na natureza para fazer aparecer algo é fundamentalmente diferente da usina eólica, por exemplo. O moinho de vento é passivo na movimentação do vento em suas pás enquanto os dis-positivos eólicos foram projetados para não apenas ser movimentos pelo vento, mas para dis-por de todo potencial, energético no caso, que o vento pode oferecer para os projetos humanos. A terra, e seus recursos naturais, não são mais considerados como fins em si mesmos, mas apenas como reservatórios de energia a ser dis-posta para o maior rendimento dos artifícios humanos. E vale ressaltar que da terra se “dis-põe, no sentido de uma exploração” (HEIDEGGER, 2001, p. 19). Esta exploração que domina o

desencobrimto da técnica moderna visa, mais do que tudo, assegurar o controle, pois “controle e segurança constituem até as marcas fundamentais do desencobrimto explorador” (*Idem*, p. 20).

Tendo tudo isto em mente, podemos agora voltar à pergunta original deste tópic, a saber: qual é o traço comum que perpassa tanto a concepção grega de técnica como a moderna? Podemos encontrar um denominador comum nestas duas noções de técnica no que diz respeito à idéia de desencobrimto. Tanto a *téchne* grega quanto a técnica moderna são modos de desencobrimto, de verdade. Contudo, a *téchne* grega não se aproveitava deste momento de desencobrimto para explorar, para dispor e tirar proveito daquilo que foi colocado em desvelamento. Trata-se de um modo de desencobrimto que não é mais regido pela *poíesis* que apenas preocupava-se em colocar algo em desocultamento. Agora, a técnica preocupasse também com rendimento, com controle e com transformação – que tem tudo haver com o modo de verdade que a modernidade assumiu como o vigente para si que é aquela que encontra no cálculo controlador e desocobridor a razão motivadora de suas investidas de desencobrimto do real. Como bem ponderou o Franklin Leopoldo: “à natureza como complexo de forças passível de ser calculado corresponde a disponibilidade do ente para a dominação e a utilização.” (2007, p. 371).

Mais uma vez, contudo, vale deixar claro que, ainda que a mente moderna esteja convicta que a técnica lhe deu condições metodológicas de possibilidade de aumentar, cada vez mais, sua capacidade de descobrir e desocultar o real, esta convicção é falsa. Heidegger é enfático quando nos lembra que: “o homem não tem, contudo, em seu poder o desencobrimto em que o real cada vez se mostra ou se retrai e se esconde.” (2001, p. 21). Na verdade, a participação do homem no processo de desencobrimto, e encobrimto do real, é bem mais marcado por uma postura passiva do que imagina o habitante do admirável mundo moderno. Por mais que pareça que o homem é o agente do desencobrimto – ainda que, de certa forma, ele tenha um papel importante neste momento, devido ao seu privilégio ôntico-ontológico – ele apenas cumpre um destino que lhe é imposto. Nas palavras de Martin Heidegger:

Realizando a técnica, o homem participa da dis-posição, como um modo de desencobrimto. O desencobrimto em si mesmo, onde se desenvolve a dis-posição, nunca é, porém, um feito do homem, como não é o espaço, que o homem já deve ter percorrido, para relacionar-se, como sujeito, com um objeto. Se o desencobrimto não for simples feito do homem, onde é e como é que ele se dá e acontece? Não carece procurar muito longe. Basta perceber, sem preconceitos, o apelo que já sempre reivindica o homem, de maneira tão decisiva, que, somente neste apelo, ele pode vir a ser homem. Sempre que o homem abre olhos e ouvidos e desprende o coração, sempre que se entrega a pensar sentidos e a emprenhar-se por propósitos,

sempre quase se solta em figuras e obras ou se esmera em pedidos e agradecimentos, ele se vê inserido no que já se lhe re-velou. O desencobrimento já se deu, em sua propriedade, todas as vezes que o homem se sente chamado a acontecer em modos próprios de desencobrimento. (HEIDEGGER, 2001, p. 22).

Neste longo trecho somos informados de maneira muito clara qual é a real participação do homem no desencobrimento: ainda que não seja propriamente um feito do homem, o desencobrimento lhe é um destino, isto é, uma disposição que lhe desafia todas as vezes que este já se inclina a empenhar seus esforços para descobrir algo. Na verdade, segundo Heidegger, quando o homem se sente chamado, por seus próprios modos, a descobrir algo, o desencobrimento já o desafiou e já aconteceu. Dessa forma, “quando, portanto, nas pesquisas e investigações, o homem corre atrás da natureza, considerando-a um setor de sua representação, ele já se encontra comprometido com uma forma de desencobrimento.” (2001, p. 22). Justamente por isso podemos concordar com Heidegger que o homem não é o agente do desencobrimento, antes é aquele que é desafiado por uma força que o impele a des-encobrir o real no modo da dis-posição e da disponibilidade. E para Heidegger, este apelo que compele o homem a exploração e a dis-por do que se des-encobre tem nome: “chamamos aqui de com-posição (*Ge-stell*) o apelo de exploração” (2001, p. 23). A palavra em alemão usada aqui por Heidegger (*Ge-stell*) pode ser traduzida também como armação, estante ou esqueleto. Esta idéia nada tem de ingênua, na medida em que compreendemos a intenção de Heidegger de mostrar, por meio da ilustração de uma estante, que a com-posição é uma espécie de estrutura que consegue reunir tudo que nela permanece, sem contudo, se misturar com os elementos reunidos. Como explica o professor Leopoldo: “a armação, portanto, reúne os elementos e, de alguma forma, sustenta-os sem se confundir com qualquer um deles – atravessando-os a todos, se assim se pode dizer.” (2007, p. 372).

Com tudo isso, a hipótese de Heidegger aventa nos mostrar é que a com-posição, como força que reúne os elementos necessários ao desencobrimento pelo homem através da técnica, é o modo próprio da técnica, ou seja, sua essência, ainda que essa com-posição não tenha nada de técnico. Nas palavras de Heidegger:

Com-posição, “*Gestell*”, significa a força de reunião daquele por que põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo da dis-posição, com dis-ponibilidade. Com-posição (*Gestell*) denomina, portanto, o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna mais que, em si mesmo, não é nada de técnico. Pertence ao técnico tudo o que conhecemos do conjunto de placas, hastes, armações e que são parte integrantes de uma montagem. Ora, montagem integra, com todas as suas partes, o âmbito do trabalho técnico. Este sempre

responde à exploração da com-posição, embora jamais constitua ou produza a com-posição (HEDEGGER, 2001, p. 24).

Com tudo isso, fica claro que Heidegger pretende mostrar como o homem é atingido pela força da com-posição que o impele a, por meio da técnica moderna, desencobrir e dis-pôr do real em suas investigações e pesquisas. Este dis-pôr faz eco, muito distante, de um outro pôr que provem do imaginário grego, a saber, a *poíesis*, que também fazia o real vigente quando o fazia emergir por meio do desencobrimento. Seria como se o homem da era da técnica se percebesse desafiado, de forma muito incisiva e quase atávica, a comprometer-se com o desencobrimento do real. Este desafio é feito pela com-posição que, justamente por tudo isso, mostra-se como a essência da técnica uma vez que é a responsável pelo desencobrimento e modo de fazer viger a verdade que também caracteriza a técnica moderna. Contudo, mais uma vez necessitamos dizer: ainda que observássemos tudo de propriamente técnico que envolve a técnica moderna, ainda sim não encontraríamos a sua essência, isto é, a força de com-posição, pois esta nada tem de técnico. Melhor será compreendê-la como um destino que “põe o homem a caminho do desencobrimento que sempre conduz o rela, de maneira mais ou menos perceptível, à disponibilidade.” (2001, p. 27). E será justamente por isso que Heidegger nos orientará a não demonizarmos a técnica como algo que precisasse ser eliminada. A com-posição, que impele o homem a desencobrir, não tem nada de técnico. A técnica somente é o modo de desencobrimento da era moderna. Poderia ser outro, ainda que não seja. O destino aqui trabalhado por Heidegger não diz respeito à técnica, pura e simples, mas antes a com-posição. Contudo, como é por meio da técnica que a com-posição repousa sobre os homens, a técnica se torna algo como uma fatalidade de nosso tempo, “onde fatalidade significa o inevitável de um processo inexorável e incontornável.” (2001, p. 28).

Dessa forma, podemos relembrar, de maneira breve, o que foi até aqui tratado para prosseguirmos em nossa investigação: (1) a essência da técnica moderna não tem nada de técnico, antes reside na com-posição. Esta por sua vez (2) pertence a um destino que impele o ser humano ao desencobrimento tornando assim (3) a técnica é um processo inexorável em nossos dias. O próprio fato de pensarmos sobre a essência da técnica e colocarmos esta questão, já nos mostra como estamos inseridos neste destino de desencobrimento antes mesmo de percebê-lo. Estes fatos não nos devem conduzir a uma visão estritamente determinista no que diz respeito ao nosso relacionamento com a técnica. Se por um lado não devemos condenar a técnica ao diabo, também não precisamos pensar que estamos condenados a uma coação cega da com-posição através da técnica. Ao contrário, Heidegger nos convida, através da própria investigação pela essência da técnica, a criar um caminho livre de relacionamento com esta.

Para isso, contudo, é preciso ponderar um perigo que nos circunda na era da técnica em que a com-posição reina quase absoluta. Se nos detivermos atentamente a esse perigo veremos que ele também deita suas raízes naquilo que pode nos salvar de um exacerbado domínio da com-posição na era da dominação planetária da técnica.

O reinado da com-posição: o perigo que também nos salva

Quando Heidegger opta por não se juntar àqueles que vêm na técnica o grande perigo da humanidade, ou então o fator inevitável de alienação da espécie humana, ele abre precedente para darmos lugar a um outro tipo de comportamento frente a técnica e o que ela pode acabar gerando em nós. Dizemos isso, tendo em mente que a técnica, como modo de desencobrimento dos entes que nos circundam no mundo da vida, pode desencadear nos homens a disposição sedenta de dis-por de tudo aquilo que lhe aparece, inclusive do próprio homem, do mistério e até mesmo de Deus. É justamente neste ponto, que reside o grande perigo no destino do desencobrimento através da técnica. Como bem disse Martin Heidegger:

o homem fica ex-posto a um perigo que provém do próprio destino. Por isso, o destino do desencobrimento é o *perigo* em todos e em cada um de seus modos e, por conseguinte, é sempre e necessariamente perigo. Em qualquer modo, em que o destino do desencobrimento exerça seu vigor, o desencobrimento, em que tudo é e mostra-se cada vez trás sempre consigo o perigo de o homem equivocar-se com o desencobrimento e o interpretar mal. Assim, quando todo o real se apresenta à luz do nexa da causa e efeito, até Deus pode perder, nesta representação, toda santidade e grandeza, o mistério de sua transcendência e majestade. À luz da causalidade, Deus pode degradar-se a ser uma casa, a causa *efficiens*. Ele se torna, então, até na teologia, o Deus dos filósofos, daqueles que medem o des-encoberto e o coberto de acordo com a causalidade do fazer, sem pensar de onde provém a essência da causalidade. Do mesmo modo, em que a natureza, expondo-se, como um sistema operativo e calculável de forças pode proporcionar constatações corretas mas é justamente por tais resultados que o desencobrimento pode tornar-se o perigo de o verdadeiro se retirar do correto (HEIDEGGER, 2001, p. 29).

Neste belíssimo parágrafo, Martin Heidegger apresenta o último movimento de seu questionamento da técnica mostrando o perigo que reside no próprio destino a ele imposto, a saber, o do homem equivocar-se com o desencobrimento e o interpretá-lo mal acreditando que todo o real que se apresenta a ele vez por outra pode ser reduzido a uma relação de causa e efeito e fazendo da natureza um sistema operativo e passível de ser

calculado pelo ser humano. Dessa forma, o grande perigo que a era da dominação planetária da técnica oferece é o do ser humano equivocarse com aquilo que o destino do desencobrimento oferece, isto é, com a vigência totalizante da com-posição. Este equívoco pode acontecer principalmente quando o homem se reconhece na condição de ser o senhor e dominador da natureza por meio dos recursos pela técnica oferecidos. Neste momento, “cresce a aparência de que tudo que nos vem ao encontro só existe à medida que é um feito do homem.” (2001, p. 29). Contudo, ao invés de ser o sujeito da técnica, como ele mesmo se investe nesta condição, o homem que assume esta postura de demasiada dis-posição da natureza, ele apenas reitera a submissão e a impotência que o ser humano dominado pela regência da técnica pode ser submetido, tornando-se assim apenas uma peça no esquema da disponibilidade. Nesta situação, “o homem já não se encontra em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com a sua essência.” E Heidegger explica o porquê: “o homem está tão decididamente empenhado na busca do que a com-posição pro-voca e ex-plora, que já não toma, como um apelo, e nem se sente atingido pela ex-ploração.” (2001, p. 30). Fascinado pelo que Nietzsche chamaria de vontade de verdade, o homem da era da técnica afasta-se de qualquer possibilidade de encontrar-se apenas consigo mesmo e com tudo o que está sendo ao seu redor, ou seja, impedindo-o de desfrutar de qualquer outra possibilidade de desencobrimento genuína. Poderíamos dizer que sua percepção fica perigosamente desfocada quando é alimentada apenas pelas lentes do destino do desencobrimento através da técnica. Com esta percepção alterada, onde a com-posição domina, afasta-se qualquer possibilidade de desencobrimento, pois ao invés de proporcionar o desencobrimento ela encobre e não deixa o real emergir para aparecer em seu ser. A com-posição, quando levada as últimas conseqüências e transformada em um fim em si mesma, provoca o efeito contrário do que deveria fazer. Isto acontece porque a dominação da com-posição encobre um modo de desencobrimento (*poiesis*) que deixava o real emergir para aparecer em seu ser fazendo assim o caminho contrário ao que se propõe, isto é, deixar surgir e aparecer o desencobrimento em si mesmo.

Sendo assim, fica claro que nossa ameaça não advém do que é técnico, como os aparelhos e dis-positivos mil que temos acesso no mercado. Na verdade, “a ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem.” (2001, p. 30). O predomínio da com-posição que vigora o destino do desencobrimento e impele o homem a dis-ponibilidade já é uma realidade da condição humana moderna vetando, assim, os seres humanos de uma experiência de desencobrimento mais originária rumo a “uma verdade mais inaugural.” (2001, p. 31). Contudo, o diagnóstico de Heidegger não é caótico. Possivelmente inspirado pelo espírito poético, o filósofo alemão lembra as palavras de Friedrich Hölderlin que nos afirma que: “onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva”

(HÖLDERLIN, apud HEIDEGGER, op.cit., p.31). Cabe, portanto agora investigarmos o que Hölderlin tinha em mente quando empregou o termo “salvar” junto ao seu semelhante diagnóstico de perigo eminente na era da dominação planetária da técnica.

De início, podemos já perceber que o significado mais comum para o termo salvar diz respeito a “retirar a tempo da destruição” para que algo continue a ser o que é. Salvar, neste sentido, remete mais ao ato de não permitir que algo deixe de ser. Mas Heidegger vai além deste sentido propedêutico. Segundo o filósofo alemão: “‘Salvar’ diz: chegar à essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho”. Com esta compreensão de “salvar”, fica clara a intenção de Heidegger em defender a hipótese de que: se a essência da técnica constitui-se em com-posição, e a dominação da mesma é um perigo extremo, então a prevalência da com-posição em nossas dis-posições ao desencobrimento, que reina em nossos dias, não poderá ser exaurida de maneira simples. Será preciso uma percepção profunda o bastante sobre o que é a com-posição para que então possamos nos livrar de sua dominação. Em outras palavras: “a essência da técnica há de guardar em si a medrança do que nos salva”. É dessa forma, que onde mora o perigo extremo (a dominação e regência da com-posição) é que também reside o que nos salva (o questionar sobre a essência da técnica). Mas a pergunta que pode estar se formando em nossa mente agora é: porque há tanta força salvadora em se pensar a essência da técnica? Talvez a resposta fique mais evidente se nos ocuparmos em pensar um pouco sobre o próprio sentido do termo essência.

Segundo a escolástica, a essência de algo é aquilo que diz o que alguma coisa é, ou seja, a sua quiddidade, em latim o seu *quid*. Como, por exemplo, o que pertence e perpassa a todas as espécies de máquinas de lavar roupa à disposição dos clientes no mercado. Porém, não podemos ser ingênuos de inferir que a essência da técnica constitui o gênero comum de tudo aquilo que é técnico. Heidegger mostra que pensar assim significa achar que “a turbina, o transmissor de rádio, o ciclotrônio seriam uma composição.” (2001, p. 32). E fato que não são. Com-posição não é nada técnico ou que se possa reduzir a algum aparato eletrônico ou dis-positivo. A composição, na verdade, é um modo de desencobrimento: “o desencobrimento da exploração e do desafio” (2001, p. 32) que, por sua vez, é um modo de um destino do próprio desencobrimento. “Assim”, nos afirma mais uma vez Martin Heidegger, “a com-posição se torna a essência da técnica, por ser destino de um desencobrimento, nunca, porém por ser essência, no sentido de gênero e *essentia*” (2001, p. 32). E é justamente por isso, que a questão da técnica que se mostra, ao mesmo tempo, um perigo é também aquilo que nos pode salvar: pela essência da técnica ser um destino do desencobrimento, e não considerável no sentido de gênero e *essentia*, faz-se necessária, quando se pensa sobre a técnica, a consideração sobre o que, em geral, se chama de essência. Dessa forma, a questão da técnica, quando

considerada de maneira apropriada, nos remete, necessariamente, a um questionamento mais fundamental e que é o ponto de inflexão para todo o pensamento genuíno. A técnica nos coloca em condições de participarmos de uma experiência de desencobrimento mais originária rumo a “uma verdade mais inaugural” (2001, p. 31) advinda pelo questionamento das essências. Isto porque, segundo o próprio Heidegger, “questionar é a piedade do pensamento” (2001, p. 38), em outras palavras, pensamento genuíno é aquele que pensa essências. Se, de alguma forma, a regência da com-posição nos impele a questionar a essência da técnica, ele, de alguma forma, contém em si mesma aquilo que pode nos salvar de sua própria dominação.

Se nos remetermos a Sócrates ou então a Platão, vamos ver que eles pensaram a essência como aquilo que vigia, que sempre perdurava aos entes, isto é, naquilo que sempre permanece em tudo que ocorre e se dá no mundo. Uma espécie de estrutura, perfil, idéia (*eidōs*) de alguma coisa. Mas nos perguntamos em harmonia com Heidegger: será mesmo que “a essência da técnica vive no sentido da duração de uma idéia que paira acima de tudo que é técnico, a ponto de formar a aparência?” (2001, p. 33). A resposta de Heidegger, se mantém em consonância com tudo que tem sido apresentado até então: só podemos assinalar algo que permanece e perdura na técnica se nos ativermos à duração da própria com-posição que se dá e acontece no envio de um desencobrimento. Dessa forma, podemos, sem medo de nos equivocarmos, afirmar que: “como vigência da técnica, a com-posição é o que dura” (2001, p. 34). A com-posição é o que perpassa na técnica, isto é, a essência da técnica. Sendo assim, fica claro aquilo que temos insistido desde o começo de nossa investigação: a essência da técnica não tem nada de técnico. Antes é um destino, que concede ao homem ter parte no desencobrimento. Frente a tudo isto, fica claro que a condição humana é sempre se encontrar “apropriado pela apropriação da verdade” (2001, p. 34) uma vez que esta apropriação é um destino que lhe é concedido. Poderíamos dizer que a disposição para a apropriação da verdade está para o homem assim como a água está para o peixe. É não só nela, mas a partir da imersão nela que ele se move e existe. O grande perigo, contudo, reside no fato do homem equivocar-se com esta com-posição e não perceber a mais alta dignidade desta essência que está em “proteger e guardar, nesta terra, o desencobrimento e, com ele, já cada vez, antes, o encobrimento.” (2001, p. 34). Quando esta dignidade não é percebida, por algum equívoco compreensivo do próprio ser humano na rede de disponibilidade em que ele está inserido, temos a regência da com-posição como exploração e desafio à Terra ao invés de um meio de proteger e guardar o constate devir de encobrimento e des-encobrimento que rege a dinâmica da verdade. Sendo assim, o que salva o homem é perceber – por meio do pensamento que questiona e se pergunta pela essência do que é – esta alta dignidade que lhe cabe para que o próprio

homem não se tranque na dis-posição reinante da técnica como sendo “pretensamente o único modo de desencobrimento.” (2001, p. 34).

Frente a tudo que pensamos (e porque não o que questionamos) até então, podemos perceber que mesmo em tempos de vigência planetária da técnica como tem sido a marca distintiva de nossos dias, existe ainda uma esperança de uma possível emergência de algo que pode nos salvar, de nós mesmos e do trancafiamento do pensamento, na própria vigência da técnica. Tudo dependerá de “pensarmos esta emergência e a protegermos com a dádiva do pensamento” (2001, p. 35). Isto somente é possível se percebermos a essência da técnica, isto é, se percebermos o que vive na técnica, ao invés de ficarmos apenas questionando e prestando muito atenção ao que é propriamente técnico. Em outras palavras, cabe aos homens perceberem que a técnica e, principalmente o desencobrimento, não fazem parte inteiramente de um domínio propriamente dos seres humanos, como se “tudo que nos vem ao encontro só existe à medida que é um feito do homem.” (2001, p. 29). Conforme bem ponderou o professor Leopoldo: “o homem não é senhor da técnica, mas pode ser o senhor da sua relação com a técnica.” (2007, p. 373). Reconhecendo o que vive na técnica, como isto nos envolve e se relaciona conosco, podemos assumir e até conservar certa autonomia perante a própria técnica vigente em nossos dias.

Sabendo disso, acredito que seria interessante, neste momento, nos remetermos à catástrofe de ordem social que atingiu Fukushima no início do ano e que abrimos a investigação falando. Acreditamos que, frente a episódios como o de Fukushima, não podemos limitar a concentração de nosso pensamento no questionamento da fragilidade dos aparatos técnicos e dis-positivos desenvolvidos para evitar acidentes como o que acometeu a costa do Japão. Muito menos podemos nos limitar aos lamentos pela ineficácia e destruição de tamanhos investimentos técnicos. Antes precisamos aproveitar a exemplaridade de episódios como estes para nos perguntarmos sobre a essência da técnica, sobre a vigência da com-posição que, como aconteceu no Japão, pode não ser suficiente para nos livrar das incontinências da natureza e daquilo que se encobre, mesmo que parece ter sido totalmente explorado e desencoberto. As catástrofes naturais que se tornam acidentes sociais nos espantam (*thaumatzein*) para um questionamento que brilha mais fulgurosamente em nosso horizonte fenomenológico: a imagem do homem como senhor e dominador da natureza apenas revela como estamos imersos na submissão e na impotência da dominação pela regência da técnica que o homem pode ser submetido, tornando-se assim apenas uma peça no esquema da disponibilidade. Como já dissemos, nesta situação o homem já não é mais capaz de se admirar com aquilo que se dê-vela em sua frente, já não é mais capaz de se encontrar em parte alguma com sua essência e, por conseguinte, já não é mais capaz de pensar genuinamente. Tudo isto porque “o homem está tão decididamente empenhado na busca do que a com-posição pro-voça e ex-plora, que já não

toma, como um apela, e nem se sente atingido pela ex-ploração.” (2001, p. 30). Talvez por tudo isso que seja tão difícil ensinar e aprender em tempos de dominação planetária da com-posição (cf. JÚNIOR, 2008, p. 242) uma vez que não conseguimos despertar nos alunos aquele maravilhamento originário que dá condições de possibilidade para o questionamento daquilo que é. A regência da com-posição inibe as reais capacidades cognoscente do ser humano graças a sede incontável de dis-ponibilidade.

Dessa forma, na era da dominação da técnica urge percebermos que esta “mais encobre do que mostra” (2001, p. 36). Enquanto encararmos a técnica apenas como um instrumento para estimular e dar meios para nossa vontade de verdade, estaremos presos à “vontade de querer dominá-la” e, por definição, estaremos fora de combate significativo que a essência da técnica exige. Somente um questionamento sobre o que vigora na técnica, como destino de um desencobrimento, mostrará a verdadeira essência da técnica e mais: revelará a participação ambígua do homem no des-encobrir-se do desencobrimento. Ambíguo porque este modo acontece em estreita ligação com o mistério que cerca todo o desencobrimento, isto é, o mistério da verdade. Dessa forma, “a questão da técnica é a questão da constelação em que acontece, em sua propriedade, em desencobrimento e encobrimento, a vigência da verdade” (2001, p. 35).

Considerações finais

Gostaríamos, neste momento final do trabalho, lembrar de alguns pontos que já foram abordados, mas que agora se tornam muito mais significativos à luz das considerações feitas até então. Podemos começar nos lembrando de que a vigência da técnica como a regência da com-posição ameaça o desencobrimento na medida em que proporciona condições para que todo o des-encobrir desapareça na dis-posição que transforma tudo em dis-ponibilidade para aquele que dis-põe sem se dar conta do perigo que o envolve. Para escaparmos da ameaça eminente deste perigo, e reencontrarmos a experiência mais originária que diz respeito ao que nos constitui enquanto *Dasein*, precisamos abrir mão do imaginário decadente alimentando por uma concepção falsa sobre a técnica que apenas contribui para o processo de objetivação científica e técnica da realidade e do ser humano. Este modo de proceder no mundo é, em grande medida, o enraizamento de uma ilusão no imaginário humano. Conforme o próprio Heidegger observou anos antes em sua conferência *Sobre a essência da verdade*:

Enquanto o mistério se subtrai retraindo-se no esquecimento e para o esquecimento, leva o homem historial a permanecer na vida corrente e distraído com suas criações. Assim abandonada, a humanidade completa “seu mundo” a partir de suas necessidades e de suas intenções mais recentes e o enche de

seus projetos e cálculos. Deles o homem retira então suas medidas, esquecido do ente em sua totalidade. Nestes projetos e cálculos o homem se fixa munindo-se constantemente com novas medidas, sem meditar o fundamento próprio desta tomada de medidas e a essência do que dá estas medidas. Apesar do progresso em direção a novas medidas e novas metas, o homem se ilude no que diz respeito à essência autêntica destas medidas. O homem se engana nas medidas tanto mais quanto mais exclusivamente toma a si mesmo, enquanto sujeito, como medida para todos os entes. Neste desmesurado esquecimento, a humanidade insiste em assegurar-se através de si mesma, graças àquilo que lhe é acessível na vida corrente. (HEIDEGGER, 1973, p. 340).

Neste preciso diagnóstico do comportamento habitual da humanidade, iludida frente às metas que preparou para si mesma, Heidegger aponta a condição em que se encontra o ser humano sob a égide da regência da com-posição por meio da técnica moderna. Este, não percebe que, com a pretensão de afastar todo o mistério da sua cotidianidade por meio do desencobrimento, está, na verdade, enganando-se com medidas que não passaram pelo crivo de um questionamento anterior, mais essencial e originário. Somente este desencobrimento, concedido de um modo mais originário, de modo livre, “seria capaz de fazer aparecer, pela primeira vez, a força salvadora no meio do perigo que, na idade da técnica, mais encobre do que mostra” (HEIDEGGER, 2001, p. 36). Contudo, não podemos ser ingênuos de pensar que existe alguma receita mágica que nos fará senhores e dominadores da técnica. É preciso ser bastante realista neste ponto para percebermos, conforme Heidegger, que: “nenhuma ação humana jamais poderá fazer frente a esse perigo.” (2001, p. 36). Isso porque, ao mesmo tempo em que a com-posição é um perigo, ela é um destino do desencobrimento que impele o ser humano. O máximo que podemos nos ater é em considerar toda força salvadora de uma consideração superior sobre a essência da técnica que, ao mesmo tempo, apresenta seu perigo e o que pode nos salvar desta ameaça.

Neste momento precisamos nos lembrar das palavras com que Heidegger inicia seu questionamento a respeito da técnica. Ele diz que sua intenção é: “o questionamento [da técnica] trabalha na construção de um caminho. [...] O caminho é um caminho do pensamento.” (2001, p. 11). Em outras palavras, a intenção de Heidegger é construir um caminho de pensamento que dê condições de possibilidade para o homem dar lugar a um relacionamento livre com a técnica e, de certa forma, com todo o desencobrimento. Este relacionamento é livre porque é “capaz de abrir nossa Pre-sença à essência da técnica.” (2001, p. 11). Dessa forma, mesmo em tempos de dominação planetária da técnica, todo homem tem possibilidade, graças ao seu privilégio ôntico-ontológico, de pensar de uma maneira que não se limite as elaborações de teorias calculistas e

entificadoras da realidade. Existe ainda, ao alcance do homem, uma forma de pensamento que abre nosso *Dasein* aos limites essenciais de uma experiência originária da verdade. E para isto, diz Heidegger em um interessantíssimo texto intitulado *Serenidade*, “não precisamos, portanto, de modo algum, de nos elevarmos às “regiões superiores” quando refletimos.” Na verdade, para o filósofo: “basta demorarmos-nos junto do que está perto e meditarmos sobre o que está mais próximo: aquilo que diz respeito a cada um de nós, aqui e agora; aqui, neste pedaço de terra natal; agora, na presente hora universal.” (HEIDEGGER, 2000, p.14).

O que fica claro, de maneira harmônica com o que foi dito na conferência sobre *A questão da técnica*, é que o questionamento que trabalha na construção de um caminho de pensamento é aquele que “passa, de maneira mais ou menos perceptível e de modo extraordinário, pela linguagem.” (2001, p. 11) para então criar um relacionamento livre entre nosso *Dasein* e a essência daquilo que nos aparece. Este relacionamento livre, por sua vez, só poderá vir de um modo totalmente outro de pensar do que aquele que tem se tornado a regra em nossa modernidade técnica. Conforme o próprio Heidegger, não se trata de uma meditação sobre alguma verdade revelada profundamente abstrata e fora dos limites noéticos do ser humano. Na verdade, trata-se de um modo de demorar-se naquilo que é mais essencial, tanto do *Dasein*, quanto daquilo que nos aparece. Este modo de tratar aquilo sobre o que se pensa, não pode, por definição, impor-se um padrão de performance semelhante ao do cálculo entificante da técnica moderna. Esta outra forma de pensar seria, para Heidegger, a futura forma de re-enraizamento do homem que, na era da regência da com-posição, perdeu a possibilidade de se encontrar consigo mesmo. Em suas palavras:

Qual seria o solo de um futuro enraizamento? Talvez aquilo que procuramos com esta pergunta se encontre muito próximo; tão próximo que muito facilmente o não vemos. Porque o caminho para o que está próximo é para nós, homens, sempre o mais longo e, por isso, o mais difícil. Este caminho é um caminho de reflexão. O pensamento que medita exige de nós que não fiquemos unilateralmente presos a uma representação, que não continuemos a correr em sentido único na direção de uma representação. O pensamento que medita exige que nos ocupemos daquilo que, à primeira vista, parece inconciliável. (HEIDEGGER, 2000, p. 23).

As palavras de Heidegger, se tornam ainda mais significativas se nos lembrarmos daquilo que vimos anteriormente quando falamos sobre o perigo que ameaça o homem moderno: a regência da técnica como o único modo de desencobrimento do real que impede o homem encontrar consigo mesmo. Em um ambiente de dominação da com-posição, “o homem já não se encontra em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com a sua essência”, isto acontece porque: “o homem está tão decididamente empenhado na

busca do que a com-posição pro-voca e ex-plora, que já não toma, como um apela, e nem se sente atingido pela ex-ploração.” (2001, p. 30). Dessa forma, urge ao homem abrir mão da representação como o viés privilegiado para encarar aquilo que se apresenta a ele e, de uma forma bem diferente, elaborar um novo modo de pensar, tanto a técnica, quanto aquilo que aparece no mundo da técnica. Essa nova atitude que se põe como necessidade ao homem moderno, Heidegger chama de serenidade (*Gelassenheit*). Em suas palavras:

Façamos uma experiência. Para todos nós os equipamentos, aparelhos e máquinas do mundo técnico são hoje imprescindíveis, para uns em maior e para outros em menor grau. Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objetos técnicos que até nos desafiam a um sempre crescente aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objetos técnicos que nos tornamos seus escravos. Porém, também podemos proceder de outro modo. Podemos utilizar os objetos técnicos e, no entanto, ao utilizá-los normalmente, permanecer ao mesmo tempo livre deles, da tal modo que o possamos a qualquer momento largar. Podemos utilizar os objetos técnicos tal como eles têm de ser utilizados. Mas podemos, simultaneamente, deixar esses objetos repousar em si mesmos como algo que não interessa àquilo que temos de mais íntimo e de mais próprio. Podemos dizer “sim” à utilização inevitável dos objetos técnicos e podemos ao mesmo tempo dizer “não”, impedindo que nos absorvam e, desse modo, verguem, confundam e, por fim, esgotem a nossa natureza. Se, no entanto, dissermos desta maneira, simultaneamente “sim” e “não” aos objetos técnicos, não se tornará a nossa relação com o mundo técnico ambígua e incerta? Muito pelo contrário. A nossa relação com o mundo técnico torna-se maravilhosamente simples e tranqüila. Deixamos os objetos técnicos entrar no nosso mundo cotidiano e ao mesmo tempo deixamo-los fora, isto é, deixamo-los repousar em si mesmos como coisas que não são algo de absoluto, mas que dependem das próprias de algo superior. Gostaria de designar esta atitude do sim e do não simultâneos em relação ao mundo técnico com uma palavra antiga: a serenidade para com as coisas (*Die Gelassenheit zu den Dingen*) (HEIDEGGER, 2000, p.24).

Neste elucidativo parágrafo, vemos Heidegger se manter firme naquilo que ele já tinha expressado em *A questão da Técnica*, a saber, não precisamos “arremeter desesperadamente contra a técnica e condená-la, como obra do diabo.” (2001, p. 28). Na verdade, cabe uma atitude bem mais calma – porque não serena? – frente à regência da com-posição: “a serenidade em relação às coisas e a abertura ao mistério” (2000, p. 25), isto é, um exercício de não fechar nada que se des-vela ao meu *Dasein* às categorias de pensamento por demais acostumadas com o cálculo

sistematizador da com-posição. Enquanto os “homens do conhecimento” se esforçam em afastar tudo que há de misterioso nos entes, a serenidade lembra-nos da estreita relação que existe entre verdade e liberdade. Para sermos mais precisos, precisamos nos lembrar que “a essência da verdade é a liberdade.” (1979, p. 335). Esta liberdade não é, de modo algum, um atributo do ser humano, como uma espécie de livre-arbítrio. Antes, diz respeito, a uma postura face ao que se revela no seio do aberto. Essa postura, muito semelhante à serenidade, que: “deixa que cada ente seja o ente que é. A liberdade se revela então como o que deixa-ser o ente” (1979, p. 336). Somente assim, o homem pode, ao mesmo tempo, se livrar da condição de auto-engano que se colocou quando buscou considerar tão somente o desvelamento dos entes (sem levar em conta o outro lado constituinte da tensão envolvida na verdade que é o encobrimento) e se salvar da regência da com-posição estabelecendo um relacionamento livre com ela, na medida em que não enxergar nela todo o potencial do desencobrimento. Somente quando o homem considera o ente em sua totalidade, isto é, naquilo que ele se mostra e naquilo que fica necessariamente oculto, é que ele poderá inaugurar um caminho de pensamento livre em relação à técnica. Contudo, esta “salvação” que se oferece ao homem é, para ele, algo difícil, uma vez que considerar o ente “‘em sua totalidade’ aparece, entretanto, à preocupação e ao cálculo cotidiano como o imprevisível e o inconcebível.” (1979, p. 338), ou seja, mesmo na era da técnica o homem terá que admitir que o mistério ainda reina ao lado do desencobrimento. Dessa forma, a serenidade aponta para um não-encarar do des-velamento como dis-ponibilidade e utilidade daquilo que aparece. Mantenho tanto o meu *Dasein* em uma relação livre e aberta com todos os entes do mundo da vida e, ao mesmo tempo, encaro-me da mesma forma, não mais incorrendo no equívoco de reduzir minha existência a algo passível de cálculo e total desencobrimento.

Frente a tudo isto, gostaríamos reiterar a consideração de que somente este deixar-ser das coisas em um modo mais original de ser des-velamento – que também pressupõe seu imediato velamento constituinte da tensão inerente a própria verdade, pois “o desvelamento do ente enquanto tal é, ao mesmo tempo e em si mesmo, a dissimulação do ente em sua totalidade.” (1979, p. 341). – pode ser um modo realmente adequado para considerarmos tanto aquilo que se apresenta a nós, como também nosso próprio *Dasein*. Conforme acreditamos ter ficado claro nas primeiras partes da investigação, a forma de enxergar o mundo a partir das lentes da representação encara tudo aquilo que se dis-põe como meramente útil para ser dis-posto, armazenado, distribuído e reprocessado (cf. HEIDEGGER, 2001, p. 20). Essa forma de experiência, para poder assegurar o controle que é marca de todo o desencobrimento explorado, empobrece as instâncias mais originais e essenciais de cada ente, uniformizando-os e tornando-os indiferentes entre si. A consequência imediata deste processo de

desencoberto explorador, é a limitação do homem a um relacionamento condicionado com tudo aquilo que o circunda. Condicionamento este que, por definição, não lhe fornece condições de inaugurar um relacionamento livre, nem com a técnica, nem mesmo com a verdade. Isto acontece porque “a humanidade, enquanto toma medida, está desviada do mistério. Este insistente dirigir-se ao que é corrente e o ek-sistente afastar-se do mistério se copertencem.” (1979, p. 340). O homem não percebe, mas é constituinte do seu *Dasein* a condição que Heidegger chama de errância: “o homem erra. O homem não cai na errância num momento dado. [...] a errância participa da constituição íntima do ser-aí à qual o homem historial está abandonado.” (1979, p. 340-1). A errância é o espaço de vai-e-vem que caracteriza a existência do homem uma vez que este se põe em relação com os entes, sempre, de forma ambígua. Na verdade, segundo Heidegger, “se olharmos dentro da essência ambígua da técnica, veremos uma constelação, o percurso do mistério” (2001, p. 35). Dessa forma, somente apropriando-se da instância de mistério que perpassa a existência insistente do homem – insistente porque insiste em se apoiar apenas naquilo que é mais evidente no ente e coloca assim, propositadamente, o mistério fora de seu campo de interesse – a humanidade poderá se colocar em um caminho de pensamento livre e sereno. Este pensamento “é a tranquilidade da mansidão que não se nega ao velamento do ente em sua totalidade.” Contudo, Heidegger também lembra que: “seu pensamento é também, ao mesmo tempo, a decisão energética do rigor, que não rompe o velamento, mas que impele sua essência intacta para dentro da abertura da compreensão” (1979, p. 342) e, dessa forma, para dentro da própria verdade.

Dessa forma, somente através de uma atitude mais serena frente ao que se mostra, o homem é posto em possibilidade de se re-encaixar naquilo que se descolou consigo mesmo. Nas palavras do próprio Heidegger: “a serenidade em relação às coisas e a abertura ao mistério dão-nos a perspectiva de um novo enraizamento. Que um dia poderá mesmo conseguir recordar, de uma nova forma, o velho enraizamento, que agora se desvanece rapidamente.” (2000, p. 25). Tão somente neste terreno ambíguo, de mansidão e rigor, do deixar-ser do ente “a filosofia se desenvolve e transforma numa interrogação que não se atém unicamente ao ente, mas também não tolera nenhuma injunção exterior.” (1979, p. 342).

Não poderíamos, contudo, terminar o presente trabalho, que se desenvolveu até esta última breve consideração sobre o desenvolvimento e a transformação da filosofia, sem, ao menos, enunciarmos a radical reflexão autocrítica que Heidegger faz sobre o questionamento que deve exercer sobre si mesmo no pensamento. Acreditamos que o filósofo alemão deixou na “questão do pensamento”, elaborada na conferência *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*, uma última possibilidade de caminho a ser trilhado que se mostra ao homem que questiona a técnica e consegue chegar até a *alétheia*. Afirmamos isso tendo em mente o reconhecimento – agora

amadurecido por quase 10 anos de questionamento depois da publicação de *A questão da Técnica* – de que a filosofia, enquanto metafísica, acabou na medida em que teve suas intenções originais assumidas pelas atividades das ciências técnica contemporâneas:

Esquecemos que já na época da filosofia grega se manifesta um traço decisivo da Filosofia: é o desenvolvimento das ciências em meio ao horizonte aberto pela Filosofia. O desenvolvimento das ciências é, ao mesmo tempo, sua independência da Filosofia e a inauguração de sua autonomia. Este fenômeno faz parte do acabamento da Filosofia. Seu desdobramento está hoje em plena marcha, em todas as esferas do ente. Parece a pura dissolução da Filosofia; é, no entanto, precisamente seu acabamento. Basta apontar para a autonomia da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia Cultural, para o papel da Lógica como Logística e Semântica. A Filosofia transforma-se em ciência empírica do homem, de tudo aquilo que pode tornar-se objeto experimentável de sua técnica, pela qual ela se instala no mundo, trabalhando-o das múltiplas maneiras que oferecem o fazer e o formar. [...] O caráter específico desta cientificidade é de natureza cibernética, quer dizer, técnica. Provavelmente desaparecerá a necessidade de questionar a técnica moderna, na mesma medida em que mais decisivamente a técnica marcar e orientar todas as manifestações no Planeta e o posto que o homem nele ocupa. (HEIDEGGER, 1979, p. 271).

Aqui podemos ver, a semelhança do que foi apresentado em *A questão da técnica*, a preocupação heideggeriana do império dos modelos racionais que pensam apenas enquanto representação e cálculo. O fim da filosofia, para ele é uma espécie de aprofundamento de tudo que foi exaustivamente preconizado no questionamento da técnica, isto é, “o triunfo do equipamento controlável de um mundo técnico-científico e da ordem social que lhe corresponde.” (1979, p. 271). É neste mesmo ambiente de questionamento que Heidegger nos pergunta se ainda não existe para o pensamento, além deste último estado de coisas, tal qual ele chamou de “o fim da filosofia”, algo como: “uma primeira possibilidade da qual o pensamento da Filosofia certamente teve que parir, mas que, contudo, enquanto Filosofia, não foi capaz de experimentar e assumir propriamente?” (1979, p. 271). Sua resposta é positiva, e é com ela que encerramos. Segundo o filósofo alemão resta a nós, habitantes do mundo controlado pela racionalização técnico-científica uma “tarefa do pensamento” que resiste ao trancafiamento do pensamento pela regência da com-posição. Isto se faz, conforme já foi dito, através do questionamento, pois “as questões são caminhos para sua resposta” (1979, p. 269), caminhos estes que precisam ser livres (cf. 2001, p. 11), no que diz respeito a um abrir do nosso *Dasein* à essência da técnica, da verdade e, principalmente, do pensamento. Dessa forma:

Talvez exista um pensamento mais sóbrio do que a corrida desenfreada da racionalização e o prestígio da cibernética que tudo arrasta consigo. Justamente esta doida disparada é extremamente irracional. Talvez exista um pensamento fora da distinção entre racional e irracional, mais sóbrio ainda do que a técnica apoiada na ciência, mais sóbrio e por isso a parte, sem a eficácia e, contudo, constituindo uma urgente necessidade provinda dele mesmo. Se perguntarmos pela tarefa deste pensamento, então será questionado primeiro, não apenas este pensamento, mas também o próprio perguntar por ele. [...] A tarefa do pensamento seria então a entrega do pensamento, como foi até agora, à determinação da questão do pensamento. (HEIDEGGER, 1979, p. 279).

Referências bibliográficas:

- BBC. *Três anos após desastre nuclear, moradores retornam a Fukushima*. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140401_fukushima_retorno_moradores_fn.shtml. Acessado em: 05 de abril de 2014.
- PAULO, O Estado de S. *A tragédia do Japão*. Disponível em: http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110315/not_imp692053,0.php. Acessado em: 05 de março de 2014.
- HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In: *Ensaaios e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro de Leão. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da verdade*. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. [Col. Os Pensadores XLV].
- HEIDEGGER, Martin. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. [Col. Os Pensadores XLV].
- JÚNIOR, Wanderley J. Ferreira. *A Universidade na Era da Técnica – Tarefas e Desafios*. In: *Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação Numero Especial: Heidegger e a Educação*. Ano 6, n. 10, jan./jun. 2008. Vitória da Conquista: edições Uesb, 2008.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. *Martin Heidegger e a técnica*. In: *SCIENTIAE studia*. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 369-374, 2007.